

“Não podemos ser uma esponja que se espreme e, em seguida, se atira fora”

Dois talaveranos, Miguel Méndez e Miguel Angel Sanchez, lançaram à quase três anos, a Plataforma em defesa do rio Tejo e Alberche.

A Tribuna de Talavera 15-6-09

Cristina Garcia. Assoberbado pela preparação para o evento do 20-J, mas sem perder o humor, com a confiança de ter a razão do seu lado, os "Migueis" que lideram a defesa do Tejo falam abertamente do que consideram a exploração de décadas sobre esta terra. A única oportunidade de mudar, advertem, é que os cidadãos se envolvam e saiam à rua.

Qual foi o motivo que finalmente os levou a mobilizarem-se pelo rio?

Miguel Mendes (MM): O rio tinha secado no Verão (2006) e certo dia vi que os motores tiravam merda do Tejo para a rega das populações do canal do Alberche. Andando de carro, ouvi o presidente de Múrcia falar no rádio, exigindo o transvase do tramo médio desde Azután. Era o que faltava. Pensei que nunca tinham dado nada a esta cidade, que tudo se conseguiu tinha sido a partir da própria terra e que Talavera pode ser bem sucedido desde que lhe deixem os seus recursos. Mas se Já nos tiram os recursos básicos que temos desde que o mundo é mundo... Não apenas não te ajudam, como ainda te pisam e nessa noite, indignado, telefonei a Miguel Angel Sanchez. Estamos dispostos a não nos deixarmos colonizar, porque como ele diz, isto é uma hidrocolonização. Tal como as grandes empresas que vão para África explorar os recursos naturais, os diamantes, o ouro, aqui aos pobres tiram-lhes o seu único recurso que é a água. Esta foi a origem da Plataforma.

Ficou surpreendido pela forma como este movimento tem vindo a crescer?

Miguel Ángel Sánchez (MAS): Não. Era algo que tinha que acontecer. Levámos 30 anos para sair do debate e de deixar que os outros decidam por nós. As pessoas acostumaram-se a que o Tejo seja um ri praticamente perdido, mas viram a mudança radical que ocorreu no Alberche nos últimos dez anos, e que é daí que se bebe e se rega em Talavera. Isto faz com que as pessoas comecem a dar-se conta de que ou se mexem ou ficam sem fazer nada, porque estes governos que temos movem-se à voz de onde há mais votos e mais pressões. Fazia falta este ressurgir, mas estamos no início, temos ainda muito a fazer.

Quando ouvem a palavra transvase, o que lhe passa pelo corpo?

M.A.S.: Temos a versão demagógica do transvase, que é a dos políticos. Mas temos a verdadeira história do transvase. Se ler a verdadeira história do transvase dá-se conta que foi um verdadeiro roubo. É o direito de tomada de uma parte do país em detrimento da outra. Nos anos 60 pensaram que estavam iam desenvolver toda a costa, à custa dos nossos recursos. Tem havido um abuso de uma parte do país sobre a outra e temos sido os grandes prejudicados nesta política de discriminação, existindo regiões de primeira, de segunda e de terceira e o transvase é prova disso.

E quando se fala de solidariedade e de que há água para todos...

MM: Mas não é o caso, é que existem rios intocáveis por razões políticas e há outros, o rio dos pringaos, que é este, de onde todos querem abrir as suas torneiras. Queremos ter os mesmos direitos dos outros. Indigna-me que sejamos os pagãos. O Tejo foi programado para que não chegue uma gota de água a Talavera. Não podemos permitir isso nem que levem o

Alberche e que se fale com toda a normalidade das barragens do Tiétar e de Valdecañas e de Azután ...

Mais: Assim como quando se fala do excedente, é um erro dizer que um rio é um excedente de água. Um rio é um ser vivo e tem necessidades, e não um excedente de água, como a mim não me sobram 10 centímetros. O rio Tejo não é um rio excedentário, mas as coisas foram mal feitas na década de 60 e agora estamos a pagar esse erro. Na melhor das hipóteses o que deveria ter sido feito era manter um desenvolvimento sustentável no Levante, não ter destruído a costa. Mas não se quis mudar os sistemas de produtivos porque politicamente não interessa. Isto faz com que em sítios que são autênticos deserto se tenha que levar água para mansalva. A legislação dos países mais avançados e na Europa propunha que cada um rio deve ser gerido com os recursos que tem.

E se não é suficiente...

M.A.S: Se fizerem falta apoios pontuais a tecnologia existe, mas não se pode manter um sistema produtivo de cinco milhões de pessoas com um transvase um sitio que não tem água. No que diz respeito à solidariedade, nós fomos tão solidários que nos esquecemos do que é nosso. Quero que Múrcia seja solidário comigo e que Alicante seja solidário comigo. Quero de uma vez por todas, a demagogia de lado, façamos contas à água e vamos ver que o rio Tejo está uma porcaria.

Existe água para os transvases?

MM: O transvase é baseado numa falácia, numa mentira. Baseia-se no pressuposto de que na cabeceira (nascente) havia precipitações de água de cerca de 1400 hectómetros cúbicos e, portanto, sobravam 500 ou 600 para transvazar para Múrcia. Mas, nos últimos anos as precipitações têm sido os 500 ou 600 que são levados para Múrcia.

MAS: O que diz o anteprojecto do transvase é que toda a água da cabeceira, toda vai para o transvase. Madrid conseguiu o Jarama e quando precisar mais o Sorbe, o Alberche, o Tiétar e o Douro. Era um projecto que foi uma verdadeira aberração do própria do franquismo e que mantemos alegremente...

E qual a razão do silêncio da população durante 30 anos?

M.M.: Existem muitos factores: a transição, o desenvolvimento ...e outros aspectos antropológicos. Foi uma época em que as pessoas de Talavera estavam a começar a tomar banho na piscina, era mais fino, e esqueceram-se do rio. Então, tem havido um afastamento da natureza por parte dos jovens. Fui criado numa cidade onde se andava entre os canais Alberche, à pesca, a apanhar rãs. Lembro-me de ir ao Tejo tomar banho, de haver camarões, lampreias, mexilhões...Metia-me com um saco, com o meu irmão e dali saia um tesouro de vida. Havia todo o tipo de bicharada, todos limpos, chiringuitos....Mas esses jovens nem sequer o conheceram, então não é algo por que anseiem. Mas o talaverano lembra-se da praia de Los Arenales, lembram-se de usarem o rio.

M.A.S.: Nos anos 70 houve pessoas que lutaram, foram realizadas reuniões em Toledo, em Talavera ...

M.M.: Sim, mas houve uma espécie de sentimento de que era algo irremediável. Estávamos no final do franquismo e as pessoas tinham e ainda têm medo de protestar.

Sacudir o medo e o espírito de unidade em torno dos rios, tem sido o principal objectivo da Plataforma?

M.A.S.: O mais importante é procurar essa unidade. Já aconteceu em outras cidades do mundo, tem havido casos na América do Norte, Europa, de cidades que têm os rios muito deteriorados e que foram recuperados pela pressão dos cidadãos. Talavera, por muitas razões está na cauda de tudo, mas nisto demos um salto. Talvez o mais importante seja isso, ver que os cidadãos somos capazes de conseguira o que queremos e elevar a cidade ao nível que ela merece.

São um colectivo incómodo para algumas administrações?

M.A.S.: Agora que vai fazer-se uma manifestação, mas o nosso trabalho interno contra a Confederação no desenvolvimento do Plano de Bacia e da forma de gerir o Tejo tem sido muito intensa ao longo dos anos. Em Talavera foi criada a Rede do Tejo, que é uma rede de 40 associações muito incómoda para a CHT. Temos laços muito estreitos com a Fundação Nova Cultura da Água e as nossas reivindicações são feitas por alguns dos maiores especialistas. E sim, somos muito incómodos, e talvez seja essa a nossa função, ser incómodo para algumas administrações não fizeram nada pelo Tejo nem por Talavera.

Fundamentalmente, o que é que se quer alcançar com esse plano de bacia hidrográfica?

MAS: Fundamentalmente têm que se contemplar duas coisas: um, regime de caudais semelhante ao que antes era o rio, com os seus picos no inverno, e, dois, uma qualidade muito elevada nas águas do rio Tejo na sua passagem por Talavera. Isto consegue-se garantindo que a água que chega a Talavera, seja tanto do Tejo como do Alberche, para que tenhamos praias recuperadas e que se possam usar.

O que significa o Tejo para Talavera?

M.M.: A importância do Talavera é que é o vale do Tejo a sul de Puerto del Pico, que é um lugar estratégico nas margens do Tejo. Talavera, quando a República quis colocar-lhe outro nome, chamou-se durante dois meses "Talavera do Tejo" e assim consta. É uma das filhas do pai Tejo. A velha ponte, a ponte de ferro, os moinhos, a praia de Los Arenales, as inundações, La Portiña ... São uma referência para talaveranos. E agora onde é que as pessoas passear? No Rio. Talavera sempre esteve ligada ao rio e não se pode separar. Lembro-me até de beber água do Tejo.

M.A.S.: Também temos que dar ao Tejo uma perspectiva de futuro. A cidade tem que explodir por algum sítio e quem sabe esteja também a usar o rio como um elemento catalisador do descontentamento com muitas coisas. Talavera tem que reivindicar mais e defender os seus interesses e ser mais cidade do que é.

Voltando ao tema da manifestação, sentem a falta de algum apoio?

M.M.: O que mais sentimos a falta foi o entusiasmo, o que dizia Lorde Wellington que os espanhóis lutam com uma coisa chamada entusiasmo, que os faz esmagar o inimigo em vez de ir para a taberna e não fazer nada. Sentimos a falta de um envolvimento mais aguerrido das pessoas.

M.A.S.: Em relação às questões políticas, teoricamente temos adesões de todo o mundo, mas pessoalmente acho que é um compromisso à boca pequena. Quem tem que pressionar são os governos autónomos e aí vemos adesões muito fracas, o que demonstra que nem sequer os

políticos acreditam nesta região. É muito triste constatar que não haja uma posição dura e muito clara de um presidente e do líder da oposição da região autónoma. Gostaríamos que estivessem aqui. O rio Tejo está na UVI, temos que analisá-lo de uma forma abrangente, temos que encontrar soluções e isso tem que ser feito pelos dois partidos. Mas os políticos estão na manifestação porque não têm outro remédio, mas não como deveriam estar.

Repete-se o conformismo?

M.A.S.: Repetem-se os esquemas do tardofranquismo. Os membros do Parlamento do último mandato de Franco defenderam os interesses das terras do Tejo que os deputados que temos neste momento. Os de agora o seu partido diz-lhes para votar isto e todos dão ao botão. Na verdade somos uma colónia e vêm usar-nos e como não nos levantamos isto não vai mudar.

M.M.: O problema da água em Espanha está quase a chegar ao ridículo, porque se tornou um baile de máscaras. Se vais a Múrcia, pões a máscara transvazista, mas esse mesmo político se for a outro sítio põe outra máscara. Mudam tantas vezes de careta que já se está a tornar uma astracanada.

Com que mensagem encorajariam as pessoas a sair à rua a 20-J?

M.A.S.: Até ao próximo Verão, iremos discutir o plano da bacia com a Confederação Bacia. Vamos pressionar muito e temos muitos inimigos. É muito difícil fazer valer os teus argumentos, argumentos quanto à razão pela qual dão um caudal a Aranjuez e não a Talavera, e até agora não tivemos apoio do Governo de Castilla-La Mancha. O nosso único desafio é trazer de volta as pessoas de Talavera. Lançámos um apelo. Vamos para a rua com o povo de Talavera e de toda a bacia. É a única forma para poder negociar e conseguir coisas para Talavera e não estamos apenas a falar de água para nadar, estamos a falar de qualidade da água potável no Alberche, para evitar que um em cada dois anos os regantes tenham de regar com água fictícia, porque não vai haver. Está em jogo ser uma cidade de primeira, que conta no planeamento dos recursos. Nós não podemos ser um terreno baldio, um terreno baldio, como uma esponja que se escorrer e que uma vez escorrida se atira fora.

La Tribuna de Talavera